

- Montevideu. 3 de fevereiro de 2015. Ataque incendiário a uma oficina do Partido Popular de Espanha. Comando Mateo Morral.
- Porto Alegre, novembro de 2015. Faixa em solidariedade com Monica e Francisco, novembro 2015.
- 13 de outubro de 2015, Berlim, Faixa solidária.
- 2 de novembro de 2015. Sabotagem a caixa eletrônica em Santiago do Chile. Cella de Sabotagem Jhonny Cariqueo



Para escrever aos companheirxs

Não esqueçam que todas as cartas são lidas e registradas pelxs carcereirxs...

Monica Caballero Sepúlveda
 Francisco Solar Dominguez
 C.P Villabona-Asturias
 Finca Tabladiello s/n
 33422 Villabona-Llanera
 (Asturias) Espanha



“Nos separam as distancias, nos une o sentimento.”

Atividade informativa em solidariedade com Mônica Caballero e Francisco Solar 13/02/2016. Biblioteca Kaos

“Nesta briga contra a dominação, não têm nem jaulas nem muros que silenciem nossas vozes, mas, sem vocês companheiras só se transformam em ecos.” Mônica Caballero



O caso Bombas. 2010 Chile

Depois de mais de cinco anos de ações com artefatos explosivos atacando a símbolos do poder e do capital, o dia 22 de maio de 2009, morre, numa tentativa de ataque à escola de carcereirxs do Chile, o companheiro Mauricio Morales. A partir deste momento as investigações para dar com xs responsáveis dos ataques se centram nos distintos espaços autônomos que abertamente se definem como anarquistas e anti-autoritários, a caça de bruxas se desata; seguimentos, escutas telefônicas, perseguições começam a ser ainda mais evidentes. Esse ano, no dia 12 de dezembro acontecem uma série de invasões: mais de 14 okupas e casas particulares são o objetivo, nesta operação só procuram informações, ninguém fica detidx. Até o dia 14 de agosto de 2010 e com mais de 17 invasões, muito espetáculo midiático e um grande operativo policial, sequestram a 14 pessoas, inventando laços, hierarquias e distintas funções no denominado **Caso Bombas**. Desde o começo fala-se de montagem, posto que várias das pessoas não se conheciam, e que não reconhecem líderes nem nenhum dos cargos dos que se os acusavam. Depois de 6 meses de investigações se absolvem a 4 dxs acusadxs e 9 permanecem em prisão preventiva enquanto prossegue a investigação. Durante este tempo começam uma greve de fome que dura 65 dias até que xs compas conseguem sair nas ruas em espera do júízo. Em novembro de 2011, depois de mais de 6 semanas de preparação de júízo e 3 semanas de júízo, declara-se a todxs xs acusadxs inocentes dos cargos e o estado sentenciado a pagar os custos do processo.



Não poderão nos parar: Frente à repressão, Ação Direita, Cumplicidade e Solidariedade!



Desde a prisão dxs companheirxs, as respostas solidárias com Mônica e Francisco foram múltiplas e diversas ao redor do mundo. Trazemos aqui algumas delas para discussão e também, a maneira de jogar ideias para impulsionar-nos a fazer de nossa solidariedade uma autentica ameaça...

- **Dentro da chamada internacional de solidariedade com Mônica e Francisco (16 a 22 de dezembro de 2013)**
 - Porto Alegre, dezembro de 2013. Artefato incendiário no banco Santander da Osvaldo Aranha.
 - Estados Unidos. 16 de dezembro de 2013. Três carros policiais atacados.
 - Prisões chilenas. Marcelo Villaroel, Freddy Fuentevilla, Juan Aliste, Hans Niemeyer e Carlos Gutierrez em greve de fome em solidariedade com Mônica e Francisco.
 - Atenas, 27 de dezembro de 2013. Ataques incendiários a “Panaderias Christou” cuja dona é membro de Amanhecer Dourado (partido fascista grego)
 - Santiago. Corte de rua em solidariedade com xs companheirxs.
- Novembro 2014. Barcelona. Manifestação solidária.

contra os círculos afetivos próximos dxs companheirxs presxs é uma estratégia do estado para tentar desmobilizar, enfraquecer e deter a anarquia. Vendo que não conseguiram nos deter encarcerando nossos corpos, vendo que a prisão não é um freio à luta contra a dominação, que as grades são longe de ser uma fronteira para a solidariedade entre companheirxs, o estado busca apagar os vínculos que existem entre xs companheirxs que estão lutando fora e xs que seguem lutando dentro.

“Para não deixar lugar a dúvidas”: A posição dxs companheirxs frente à prisão.



Durante esses dois anos, Monica e Francisco não deixaram de se comunicar. Cada comunicado, cada carta deles ressalta sua entranhável convicção por seguir lutando dentro da prisão contra toda forma de autoridade. Decidindo não reconhecer a justiça como “válida”, Mônica e Francisco optaram por não se assumir nem como inocentes nem como culpáveis, encarando as consequências que uma postura intransigente deste tipo implica. Pois, é muito comum que a procuradoria ofereça acordos axs presxs. Esse tipo de acordos pode “facilitar” a saída da prisão dxs companheirxs a cambio de alguma declaração que, muitas vezes, pode implicar alguma forma de arrependimento. Mônica deixou bem claro sua postura num comunicado em 2014 : *“Não beijarei sua cruz de arrependimento, caminho tranquilo ao ter a certeza que luto pelos ideais mais nobres e que não acabaram com as ideias e práticas antiautoritárias.”*



Operação “Coluna”, novembro de 2013. Espanha

Após terem sido absolto, Mônica e Francisco foram detidxs na Espanha em 2013 na operação “Coluna”, em Barcelona junto com outrxs 4 companheirxs anarquistas que logo foram soltxs,. Em 17 de novembro de 2013 foram postxs em prisão preventiva, suspeitxs de serem responsáveis pelas ações reivindicadas pelo “Comando Insurrecional Mateo Morral”: duas bombas em templos católicos (Basílica del Pilar e Almudena), o envio de artefatos por correio a uma consultoria e ao banco italiano Mediolanum e o envio de dois consoladores recheios de explosivos para o diretor de um colégio dos legionários de Cristo em Madri e ao arcebispo de Pamplona. Em dezembro de 2015, após dois anos enjauladxs nas masmorras espanholas, foram imputadxs novamente. Agregando-se aos cargos anteriores uma tentativa de homicídio: *“assassinato em grau de tentativa sob a modalidade de terrorismo”*. Esta acusação parte de uma pessoa que teria ficado com danos auditivos após a explosão na basílica del Pilar e foi usada pelo ministério público como estratégia

para garantir a prorrogação da prisão preventiva, já que no fim das contas, esta acusação não lhes foi imputada formalmente. Contudo, o pedido da acusação é de 9 anos por pertença a organização terrorista, 18 por estragos com finalidade terrorista, 12 por lesões e 5 por conspiração, somando um total de **44 anos de prisão para cada um dxs companheirxs**. Também juntam a proibição de viver em Barcelona ou Zaragoza durante um período de 10 anos uma vez em liberdade, além de uma quantia de quase 200.000 euros em indemnizações. **O juízo acontecerá nos dias 8,9 e 10 de março.**

O regime F.I.E.S

“Ficheros Internos de Especial Seguimento”. É um regime especial de máxima segurança nas prisões espanholas, que foi desenhado em 1989 com o objetivo de isolar xs presxs qualificadxs de terroristas (onde depois foram colocadxs presxs consideradxs “perigosxs”) e tornar sua vida ainda mais impossível. Existem 5 categorias dentro do F.I.E.S, usadas de acordo com os graus e o caráter de “perigosidade” dxs presxs. No FIES 1 se encontram xs detidxs consideradxs conflictivxs dentro da mesma prisão. No FIES 2, se encontram as pessoas acusadas de pertencer ou colaborar com organizações internacionais que tenham com objetivo um benefício econômico (geralmente narcotráfico, lavagem de dinheiro ou tráfico de pessoas). No FIES 3 são encarceradas os bandos armados, xs acusadxs de terrorismo, principalmente xs membrxs da ETA. No FIES 4 encontram-se xs ex policiais, seguranças e demais colaboradores do sistema que são colocadxs no regime FIES para ser protegidxs dxs outrxs presxs. Por fim, no FIES 5, encontram-se pessoas com “características especiais”, acusadxs de agressões racistas ou xenófobos ou pessoas que colaboram com investigações policiais.

Presxs no F.I.E.S, Mônica e Francisco têm uma serie de restrições. Suas conversas são gravadas e sua comunicação é restrita. Eles podem receber só uma carta ou pacote por semana e podem mandar só duas por semana. Suas correspondências são fotocopiadas e registradas. Não podem dividir uma cela e têm registros constantes nas suas celas. Não

podem participar de nenhum tipo de trabalho ou curso. A maioria das visitas que eles recebem se realizam por locutório e só têm direito à duas horas de pátio por dia. Eles podem receber só livros patenteados o que lhes impede automaticamente receber publicações e livros editados por companheirxs anarquistas...

As operações Pinhata e Pandora: Perseguição aos círculos solidários para debilitar um movimento

“ Se não nos morremos um pelo outro é que já estamos mortxs...”
presxs da CCF durante a última greve de fome.

O 16 de dezembro de 2014 inicia-se a operação Pandora que consistiu na invasão de vários espaços okupados e moradias pessoais de anarquistas em Barcelona. Várias pessoas são detidas que depois de umas semanas detidas, conseguem sair pagando fianças elevadas. Em março de 2015, uma nova operação: “Pinhata” é realizada em Madri e Barcelona, várixs anarquistas são detidxs e após pagarem uma fiança, postxs em liberdade. Recentemente em outubro de 2015, 9 anarquistas foram detidxs em Barcelona e em 4 de novembro, 5 straight edge são detidxs em Madri numa operação chamada “Ice”. Muitxs dxs detidxs em novembro são xs mesmxs que foram detidxs já na operação Pandora. Foi inventada uma organização “terrorista” para justificar a repressão, já que xs detidxs foram acusadxs de pertencer à GAC (Grupo de Anarquistas Coordenados) cujo respaldo se encontra no livro “Contra La Democracia” editado pelo GAC. (ou seja, um grupo editorial, que para justificar a repressão, virou uma organização terrorista). Contudo, são mais de 40 pessoas imputadas por terrorismo pelo estado espanhol.

Estas ondas repressivas, perseguições e detenções compulsivas de companheirxs anarquistas são, além de uma repressão de modos de vida e pensar que se desenvolvem a contra corrente, e de uma maneira de preencher os registros da polícia de inteligência com cada vez novos dados biométricos dxs companheirxs, uma contrarresposta à solidariedade brindada para com Mônica e Francisco durante esses últimos dois anos. Como aconteceu na Grécia e no Chile, a repressão

